

Conhecimento dos adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis**Adolescents' knowledge about sexually transmitted infections**

DOI:10.34117/bjdv6n10-579

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 27/10/2020

Roberta Cristina Aparecido Vicente

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins

Instituição: UniSALESIANO, Campus Lins - SP

Endereço: R. Dom Bosco, 265 - Vila Alta, Lins - SP, Cep: 16.400-000

E-mail: roberta02.01cristina@hotmail.com

Eduarda Frare Gonçalves

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins - SP

Instituição: UniSALESIANO, campus Lins - SP

Endereço: R. Dom Bosco, 265 - Vila Alta, Lins - SP, Cep: 16.400-000

E-mail: eduarda-frare@hotmail.com

Danilo Boniventi

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins - SP

Instituição: UniSALESIANO, campus Lins - SP

Endereço: R. Dom Bosco, 265 - Vila Alta, Lins - SP, Cep: 16.400-000

E-mail: danilo7boniventi@outlook.com

Janaina de Carvalho Pereira

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins - SP

Instituição: UniSALESIANO, campus Lins - SP

Endereço: R. Dom Bosco, 265 - Vila Alta, Lins - SP, Cep: 16.400-000

E-mail: janaina_c_p@hotmail.com

Jean Carlo Pereira dos Santos

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins - SP

Instituição: UniSALESIANO, campus Lins - SP

Endereço: R. Dom Bosco, 265 - Vila Alta, Lins - SP, Cep: 16.400-000

E-mail: jean_x_10_14@hotmail.com

Júlia Amanda Tagava Silva

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins - SP

Instituição: UniSALESIANO, Campus Lins - SP

Endereço: R. Dom Bosco, 265 - Vila Alta, Lins - SP Cep: 16.400-000

E-mail: julia.tagava@outlook.com

Érica Cristiane dos Santos Campaner

Especialista em Gestão Empresarial pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins

Instituição: Centro Universitário UniSALESIANO Lins

Endereço: Rua Dom Bosco, 265 - Vila Alta - Lins - SP, Cep: 16.400-000

E-mail: ecristianesc@gmail.com

Patrícia Maria da Silva Crivelaro

Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual Paulista, Botucatu - SP

Instituição: Universidade Estadual Paulista, Botucatu - SP

Endereço: Av. Prof. Mário Rubens Guimarães Montenegro, s/n - UNESP - Campus de Botucatu -

Botucatu/SP - CEP 18618687

E-mail: patricia.crivelaro@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho será abordado o conhecimento dos adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis. O objetivo principal é evidenciar a percepção dos adolescentes quanto as infecções sexualmente transmissíveis, seu modo de transmissão e prevenção, sendo realizado pela metodologia de revisão bibliográfica com pesquisas em sites de busca de fundamentação científica em dados de base da SciELO – Scientific Electronic Library Online e BVS – Bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde. Como resultado obteve-se que o conhecimento dos adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis é inadequado ou ineficaz, sendo necessário a realização de educação em saúde para os mesmos, abrangendo os assuntos sobre as infecções sexualmente transmissíveis, modo de contágio, métodos de prevenção, tratamentos e seus agravos.

Palavras-chave: Conhecimento, Adolescentes, Infecções sexualmente transmissíveis, Educação em saúde.

ABSTRACT

In this work, adolescents' knowledge about sexually transmitted infections will be addressed. The main objective is to highlight the adolescents' perception of sexually transmitted infections, their mode of transmission and prevention, being carried out by the methodology of bibliographic review with research on sites to search for scientific foundation in basic data from SciELO - Scientific Electronic Library Online and VHL - Databases of the Virtual Health Library. As a result, it was found that adolescents' knowledge about sexually transmitted infections is inadequate or ineffective, requiring health education for them, covering issues about sexually transmitted infections, communicable diseases, methods of contagion, prevention methods, treatments and their problems.

Keywords: Knowledge, Teens, Sexually transmitted infections, Health education.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, cada vez mais os adolescentes começam a vida sexual precocemente, assim acabam se deparando com as infecções sexualmente transmissíveis (IST) e nem se quer sabem do que realmente se trata e sua verdadeira gravidade.

Essas infecções quando não detectadas e conseqüentemente não tratadas podem evoluir rapidamente para complicações graves levando ao individuo a infertilidade, câncer do colo do útero, ânus ou pênis e até a morte. Algumas destas infecções não tem cura, mas tem tratamento para uma melhor qualidade de vida do portador e a interrupção da cadeia de transmissão.

As IST's, como o nome já diz, são infecções transmitidas principalmente através das relações/contatos sexuais sem o uso de proteção (preservativos) com uma pessoa já infectada, assim sendo transmitida também de mãe para filho durante a gestação, parto ou amamentação, transfusão de sangue e compartilhamento de seringas e agulhas por uso de drogas injetáveis. São causadas por vírus, bactérias, fungos, protozoários ou parasitas. Se manifestam por meio de feridas, corrimento genital e odor, presença de vermelhidão, bolhas ou verrugas em órgãos genitais, palma das mãos, olhos, boca, língua, podendo também o indivíduo estar infectado e não apresentar nenhum sintoma.

Existem várias formas de se transmitir/contrair as IST's, sendo elas por sexo oral, anal, contato cutâneo, contato com fluídos como sêmen, líquidos vaginais e sangue. A utilização do preservativo nas relações sexuais (oral, anal, vaginal) é o método mais eficaz de se prevenir, evitando também a gravidez indesejada.

Desta forma, os adolescentes são grupos de mais vulnerabilidade para aquisição de infecções sexualmente transmissível, por início precoce da vida sexual, multiplicidade de parceiros, uso inadequado do preservativo, e principalmente por não terem conhecimento suficiente sobre as infecções.

Diante de tudo isso, é importante que ocorra a educação em saúde de adolescentes e jovens, antes mesmo de iniciarem práticas sexuais, com a implementação de programas, sejam nas escolas, no contexto das infecções sexualmente transmissíveis buscando o conhecimento em profundidade destas infecções, seus sinais e sintomas, transmissão, formas de prevenção, tratamento e seus agravos, para consequentemente uma conscientização desse público.

2 OBJETIVOS

Levantar informações na literatura científica sobre o conhecimento dos adolescentes em relação as infecções sexualmente transmissíveis.

3 METODOLOGIA

Consiste em uma pesquisa de revisão bibliográfica onde foram utilizadas pesquisas em sites de busca de fundamentação científica nas bases: SciELO – Scientific Electronic Library Online e BVS – Bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, dos últimos 10 anos, livros como “Brunner & suddarth: Tratado de enfermagem médico-cirúrgico” e sites da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS). Este estudo buscou responder a seguinte questão norteadora: De acordo com as publicações dos últimos 10 anos, qual o conhecimento de adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis?

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram incluídos nesse estudo dezenove (19) referências, dessas, onze (11) foram de artigos, os quais subsidiaram o levantamento sobre o conhecimentos dos adolescentes sobre as IST's, três (03) foram de livros que trouxeram embasamento sobre fisiologia e patologia, cinco (05) foram de sites do MS e OMS, os quais foram resultantes das buscas e apresentaram dados estatísticos atualizados e orientações que fundamentaram à discussão dos dados.

Para melhor compreensão e organização dos achados, os resultados foram divididos em 03 eixos temáticos, sendo eles: 1º - Infecções Sexualmente Transmissíveis; 2º - Camisinha masculina: a principal prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis; 3º - conhecimento dos adolescentes frente as Infecções sexualmente transmissíveis. Tais eixos temáticos serão apresentados e discutidos a seguir.

5 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

As infecções sexualmente transmissíveis (IST), como o nome já diz, são infecções transmitidas principalmente através das relações/contatos sexuais sem o uso de proteção (preservativos) com uma pessoa já infectada, assim sendo transmitida também de mãe para filho durante a gestação, parto ou amamentação, transfusão de sangue e compartilhamento de seringas e agulhas por uso de drogas injetáveis. É causada por vírus, bactérias, fungos, protozoários ou parasitas. Se manifestam por meio de feridas, corrimento genital e mau cheiro, presença de vermelhidão, bolhas ou verrugas em órgãos genitais, palma das mãos, olhos, boca, língua, podendo também o indivíduo estar infectado e não apresentar nenhum sintoma. Existem várias formas de se transmitir/contrair as IST's, sendo elas por sexo oral, anal, contato cutâneo, contato com fluídos como sêmen, líquidos vaginais e sangue. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013/2020)

A utilização do preservativo nas relações sexuais (oral, anal, vaginal) é o método mais eficaz de se prevenir, evitando também a gravidez indesejada. O Ministério da Saúde disponibiliza vacinas contra algumas infecções sexualmente transmissíveis como hepatite B (4 doses: ao nascer, 2 meses, 4 meses e 6 meses) e HPV (Papiloma Vírus Humano) (2 doses: meninos de 11 a 14 anos e meninas de 9 a 14 anos). (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

Essas infecções quando não detectadas e conseqüentemente não tratadas podem evoluir rapidamente para complicações graves levando ao indivíduo a infertilidade, câncer do colo do útero, ânus ou pênis e até a morte. Algumas destas infecções não tem cura, mas tem tratamento para uma melhor qualidade de vida do portador e a interrupção da cadeia de transmissão.

Condiloma Acuminado – HPV (papilomavírus humano)

Condiloma acuminado, também conhecido como crista de galo, couve-flor, verruga anogenitais ou cavalo de crista, é uma infecção sexualmente transmissível causada por *human papillomavirus* - Papilomavírus Humano (HPV), vírus que tem preferência por mucosas e pele (tecidos de revestimento) e nas regiões infectadas provocam alterações que levam ao aparecimento de lesões decorrentes do crescimento de células irregulares como verrugas, podendo acometer homens e mulheres em qualquer idade, sendo seu período de incubação de três semanas a 8 meses. Existem mais de 200 tipos do vírus HPV, dos quais cerca de 20 deles estão associados com câncer de colo uterino e câncer no ânus. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013/2020)

Se manifestam em qualquer região do corpo, desde micro-lesões de pele e mucosas, órgãos genitais, mãos, pés, joelhos, cotovelos, olhos, boca, língua, vias respiratórias, ânus, reto, uretra, colo uterino e é encontrado até mesmo no líquido amniótico (líquido que envolve a criança na gestação), podendo também não apresentar sintoma algum ao indivíduo infectado. O sexo é o principal meio de transmissão do HPV, podendo ser infectado também na ausência de penetração vaginal ou anal, como em contato com secreções e/ou verrugas visíveis. O uso da camisinha durante as relações sexuais é o método mais eficiente para impedir a transmissão do vírus. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013/2020)

O Ministério da Saúde disponibiliza desde 2014 vacinas contra alguns tipos de HPV (2 doses: meninos de 11 a 14 anos e meninas de 9 a 14 anos). Uma das vacinas, chamada Gardasil está disponível de forma gratuita pelo SUS, que previne contra quatro (quadrivalente) tipos de HPV: o 16 e 18 (estão presentes em 70% dos casos de cânceres de colo uterino) e o 6 e 11 (presentes em 90% dos casos de verrugas anogenitais) e a outra, chamada Cervarix, não está disponível pelo SUS assim sendo fornecida somente de forma particular, que previne contra dois (bivalente) tipos de HPV: o 16 e 18. (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

Para as mulheres o exame de papanicolau realizado pelo médico ginecologista ou enfermeiro (a), é o método utilizado para se rastrear anormalidades e/ou lesões no colo uterino, sendo acusado células com características pré-malignas (chamadas de neoplasia intraepitelial cervical (NIC) é necessária biópsia para se diagnosticar o câncer de colo de útero. (OPAS, 2013)

Para o tratamento do Papilomavírus humano não existe medicamentos que ataquem diretamente o vírus para elimina-lo do organismo, então o principal objetivo no tratamento da infecção pelo HPV é a remoção das verrugas/lesões pelo médico, por meio de ácidos, eletrocoagulação, vaporização a laser ou procedimentos cirúrgicos, pois se não eliminadas podem desaparecer, permanecer ou aumentar de tamanho e número, devendo ser mudado o modo de

tratamento se não houver melhora depois de três aplicações ou se não desaparecerem após seis sessões. Vale ressaltar que a remoção das verrugas não significa a eliminação do vírus do organismo, sendo capaz de ser eliminado espontaneamente de 80 a 90% dos casos pelo próprio sistema imunológico do indivíduo após 1 a 2 anos, destruindo o HPV e assim eliminando-o por completo do organismo, já quando o organismo não consegue eliminar as lesões, podem voltar a aparecer sendo necessário acompanhamento médico e sejam tratadas precocemente. Em geral para provocar o aparecimento de câncer do colo de útero é preciso de 10 a 20 anos de infecção pelo Papilomavírus humano. (OPAS, 2013)

Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA - HIV/AIDS

A Aids é uma das doenças mais conhecidas popularmente, também é chamada de síndrome da imunodeficiência adquirida – SIDA, caracterizada por ser uma doença do sistema imunológico causada pelo vírus HIV, afetando assim os linfócitos T do sistema imunológico humano, especificamente a imunossupressão causada por níveis baixos de linfócitos CD4, o que favorece o surgimento de infecções oportunistas. É chamado de infecções oportunistas aquelas que se aproveitam da queda no nosso sistema imunológico para nos atacar, como por exemplo, a tuberculose. (BRASIL, 2019)

É transmitido principalmente por relação sexual desprotegida com alguém contaminado, recepção de transfusão sanguínea de sangue contaminado, acidentes com agulhas infectadas, compartilhamento de agulhas para administração de drogas intravenosas e transmissão da mãe para o feto na gravidez. (BRASIL, 2019)

O HIV ainda não tem cura e observa-se altos índices de óbitos. Levando em consideração que quem leva ao óbito não é o HIV, mas sim as infecções oportunistas e neoplasias secundárias à imunossupressão. Por isso é importante tomar o coquetel antirretroviral corretamente para impedir a multiplicação do vírus e a destruição dos linfócitos CD4. (BRASIL, 2019)

Pode ser manifestado algumas semanas depois da infecção pelo HIV, podendo ocorrer sintomas semelhantes aos da gripe, como febre, dor de garganta e fadiga. A doença costuma ser assintomática até evoluir para AIDS. Os sintomas da AIDS incluem perda de peso, febre ou sudorese noturna, fadiga e infecções recorrentes. (BRASIL, 019)

O tratamento é realizado através da combinação com pelo menos três drogas. A medicação de primeira escolha é disponível em um único comprimido, que é a combinação de três remédios, sendo eles: **inibidores nucleosídeos da transcriptase reversa** (Abacavir, Lamivudina, Tenofovir, Zidovudina), **inibidores não nucleosídeos da transcriptase reversa** (Efavrienz, Nevirapina,

Etravirina), **inibidores de fusão** (Enfuvirtida (T20)) e/ou **inibidores da integrase** (Dolutegravir, Raltegravir). (BRASIL, 2019)

É importante ressaltar que uma vez iniciado o tratamento, o paciente deve estar ciente de que ele não deve ser interrompido sem motivo e que as medicações devem ser tomadas todos os dias e nos intervalos prescritos. Um problema grave que o diagnóstico por aids pode acarretar é a depressão, pela dificuldade de lidar com essas emoções ou de contar para a família.

Gonorréia

A gonorreia é uma infecção sexualmente transmissível, causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*, mais conhecida como gonococo e blenorragia, tendo preferência por locais úmidos e quentes como trato reprodutivo, colo do útero, útero, trompas, ovários, uretra, canal da bexiga, testículos, boca, garganta, olhos e ânus, afetando homens e mulheres de qualquer idade. É transmitida através de qualquer forma de relação sexual desprotegida (oral, vaginal, anal) e/ou de mãe para filho durante o parto, podendo ser transmitida mesmo quando o indivíduo não apresenta sintomas. O período de incubação é de 2 a 8 dias, os sintomas são mais evidentes nos homens do que nas mulheres, o principal sintoma no homem é a uretrite (inflamação da uretra), consequentemente levando ao corrimento purulento de aspecto leitoso, capaz de manchar as roupas íntimas e ardência ao urinar e o principal sintoma na mulher é coceira, dor durante o ato sexual e corrimento vaginal purulento e algumas vezes corrimento de sangue pela vagina. (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

Usar camisinha é a única maneira de evitar a infecção. O diagnóstico é feito através de análise do corrimento purulento que é colhido diretamente do canal da uretra e da análise da urina. É utilizado antibióticos específicos prescritos por médicos para o tratamento da gonorreia, como azitromicina e ceftriaxona, devendo ser feito a investigação do parceiro para a detecção do possível contágio por gonorreia. (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

Sífilis

É uma infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema pallidum*, seu período de incubação pode ser de três semanas chegando a 40 anos após contrair a infecção, é transmitida principalmente por relação sexual, anal, oral, de mãe para filho, transfusão sanguínea ou por contato direto com sangue contaminado, se não tratada pode se agravar acometendo sistema cardiovascular, neurológico e ósseo. O uso de preservativos durante as relações sexuais é a maneira mais segura de prevenir a infecção. Existem três fases diferentes: sífilis primária, sífilis secundária e sífilis terciária, e também a sífilis congênita, caracterizadas pela OPAS/OMS por:

- Sífilis primária: podem aparecer pequenas feridas/lesões indolores, semelhantes a uma afta, nos órgãos genitais após 2 a 3 semanas do contágio, que desaparecem espontaneamente em 3 a 6 semanas sem deixar cicatrizes, não significando a sua cura, algumas vezes passando despercebida assim progredindo para sífilis secundária;
- Sífilis secundária: após semanas ou meses do desaparecimento do primeiro sintoma, a sífilis retorna como manchas vermelhas nas mãos e plantas dos pés, mucosa da boca, pele, febre, dores de cabeça, mal-estar, perda do apetite, dor nas articulações, queda de cabelo; assim como na sífilis primária os sintomas da sífilis secundária desaparecem espontaneamente sem qualquer tratamento;
- Sífilis terciária: é a fase mais grave da doença chegando a 40 anos sem apresentar sintoma algum, a bactéria fica latente, mas os testes laboratoriais são positivos, se multiplica e se espalha pelo organismo silenciosamente retornando com agressividade acometendo o sistema nervoso central (neurosífilis) (demência, meningite, AVC, problemas motores por lesão medular e nervos), sistema cardiovascular (aneurismas de aorta e lesões da válvula aórtica) e sistema ósseo;
- Sífilis congênita: quando a mãe transmite para o filho durante o período de gestação, podendo causar danos ao bebê como má-formação, parto prematuro, aborto e até mesmo morte fetal, sendo de grande importância a detecção dessa infecção durante o pré-natal, devendo ser realizado testes na primeira consulta, no terceiro trimestre (6º mês) e no momento do parto, para que quando o resultado for positivo logo começar o tratamento necessário evitando a transmissão para o bebê, na criança tem suas características aparentes logo após o nascimento, durante ou após os dois primeiros anos de vida como feridas no corpo, cegueira, problemas ósseos, surdez ou deficiência mental.

O diagnóstico é realizado através de exames laboratoriais sorológicos (sangue), porém na fase da sífilis primária quando aparece o primeiro sintoma ainda não se obteve tempo de o organismo produzir anticorpos contra a bactéria, por isso, os exames costumam estar negativos, podendo ser confirmado após a coleta de material da lesão para visualização direta em microscópio. Já para diagnóstico da sífilis em fase secundária e terciária os exames sorológicos detectam anticorpos específicos produzidos contra os antígenos do *Treponema pallidum*, (VDRL (*Venereal Disease Research Laboratory*) – rastreio da infecção - e FTA-ABS (*Fluorescent Treponemal Antibody-Absorption*) / TPHA (*T. pallidum Haemagglutination Test*) – confirmação da infecção) e constam positivos, e em alguns casos sendo necessário o exame de líquido para verificar se o sistema nervoso foi afetado. (OPAS, 2013)

O tratamento é feito através de antibióticos prescritos pelo médico, principalmente a penicilina benzatina (benzetacil), doxiciclina e/ou azitromicina. Devendo ser acompanhado pelo médico com exames clínicos e laboratoriais para avaliar a evolução da infecção.

6 CAMISINHA MASCULINA: A PRINCIPAL PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

A camisinha masculina é um preservativo utilizado pelos homens, caracterizado por um revestimento fino, de látex ou vinil, podendo conter espermicidas ou não. É o método mais eficaz e barato de se prevenir o contágio/transmissão das infecções sexualmente transmissíveis e a prevenção da gravidez indesejada, evitando que o esperma chegue ao trato reprodutor feminino, e que secreções/bactérias/vírus causadores de IST's sejam transmitidos de um parceiro ao outro. É necessário seu uso antes do início da relação sexual e durante a relação deve ser verificado seu possível rompimento.

Quando utilizados de maneira correta, os preservativos masculinos de látex são altamente efetivos na prevenção da maioria das infecções sexualmente transmissíveis, prevenindo, por exemplo, verrugas e câncer de colo uterino, diminuindo em 70% das transmissões. (HOLMES et al., 2004)

7 CONHECIMENTO DOS ADOLESCENTES FRENTE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Alguns estudos mostram que a incidência de IST's na adolescência é bastante preocupante, a exemplo da OMS (Organização Mundial de Saúde) que estimou um total de 340 milhões de casos novos de IST's curáveis em todo mundo, como gonorreia, sífilis, entre os quais se encontravam na faixa etária de 15 a 19 anos, com cerca de 12 milhões destes no Brasil. Aproximadamente 25% de todas as IST's são diagnosticadas em jovens com menos de 25 anos.

Com base na revisão de artigos sobre o conhecimento dos adolescentes em relação as infecções sexualmente transmissíveis, foram priorizadas pesquisas realizadas em escolas públicas e adolescentes com idade entre 13 a 19 anos. Alguns estudos revelaram comportamentos de risco que tornam a população jovem vulnerável as infecções sexualmente transmissíveis, como exemplo, conhecer as infecções, seus métodos de transmissão e prevenção, mas mesmo assim não fazerem o uso de preservativos na hora de qualquer tipo de relação sexual. Foram selecionados ao todo 10 artigos para a composição do estudo que demonstraram o conhecimento inadequado ou ineficaz dos adolescentes.

Contudo, podemos evidenciar que grande parte dos adolescentes citaram já ter ouvido falar sobre HIV, herpes genital, sífilis e gonorreia, entretanto o que mais chamou a atenção é que os mesmos não possuem conhecimento sobre HPV e hepatite B, levando em consideração altas taxas de prevalência. Foi evidenciado também que os adolescentes possuem conhecimento regular sobre os sinais e sintomas das IST's. Foi relatado pela grande maioria que somente pelo ato sexual de penetração poderia acontecer a transmissão e contaminação. Obteve-se uma ampla resposta dos adolescentes sobre já terem tido relações sexuais, e não fazerem o uso do preservativo.

Esta análise possibilitou a reflexão que o conhecimento dos adolescentes sobre as IST's, os meios de prevenção, transmissão e sinais e sintomas é escasso, assim adotando comportamentos de risco, mesmo estando brevemente cientes sobre as ISTs. A grande maioria dos adolescentes afirmam também que adquirem esse conhecimento através de diálogos com amigos, familiares, e uma pequena parte com profissionais da saúde. (BORGES, et al. 2020)

Devido a iniciação sexual precoce, a multiplicidade de parceiros e o não uso de preservativo pela falta de conhecimento ou comportamentos de riscos tem sido apontado como fatores de risco para aumento dos números de casos das IST's. Com o estudo observou-se também fatores de vulnerabilidade individual, como: sexo feminino, o consumo de álcool antes ou durante a relação sexual e uso de piercings e tatuagens.

8 CONCLUSÃO

Com base na revisão bibliográfica, percebeu-se que o conhecimento dos adolescentes sobre as IST's é escasso, inadequado ou ineficaz. Sendo de muita importância que os que a equipe de saúde junto com os profissionais de educação, proporcionem ações com programas de educação em saúde principalmente para os adolescentes, realização de projetos abrangendo orientação sobre a vida sexual, IST's, modo de contágio, métodos de prevenção, tratamentos e seus agravos.

Fica notório, que a publicação científica sobre a investigação desse conhecimento é escassa, sendo necessário que seja desenvolvido estudos de avaliação desse conhecimento nas escolas e universidades e até mesmo na comunidade, afim de fazer diagnóstico situacional para subsidiar políticas públicas de avanço na área.

REFERÊNCIAS

ALVES, Letícia de Sousa; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. *Revista Nursing*. Brasília, 2020. Disponível em: < <http://www.revistanursing.com.br/revistas/263/pg26.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

BARBOSA, Luciana Uchôa; et. al. Percepção de adolescentes sobre sexualidade e saúde reprodutiva: a escola como espaço para a educação sexual. *Revista científica de la Asociación de Historia y Antropología de los Cuidados (Universidad de Alicante)*. Pernambuco, 2019. Disponível em: < https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/100848/6/CultCuid_55-25-34.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

BORGES Jhennifer Stefany da Silva; et al. Sexualidade x ato sexual: percepção dos estudantes de uma escola da rede pública de ensino no município de Alta Floresta – MT. *Braz. J. Develop. Curitiba*, 2020. Disponível em: < <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/14863>>. Acesso em: 24 set. 2020.

BRASIL. Relatório de monitoramento clínico do hiv. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília, 2019. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/relatorio-de-monitoramento-clinico-do-hiv-2019>>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRUM, Maria Luisa Bevilaqua. Percepções de adolescentes frente as ist/hiv/aids: demandas de cuidado à saúde, na perspectiva das vulnerabilidades. Biblioteca digital UFRGS. Porto Alegre, 2017. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001047612&loc=2017&l=87b88ae3327e8662>>. Acesso em: 15 set. 2020.

CABRAL, João Victor; et al. A percepção de vulnerabilidade da população adolescente sobre o HIV/Aids. Espaço para saúde. Londrina, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/view/25459/pdf22>> Acesso em: 28 abr. 2018.

CARDOSO, Joice Silva Rodrigues, et al. Conhecimentos, vivências e crenças no campo sexual: um estudo com alunos do ensino médio com perfis socioeconômicos diferenciados. *REME – Rev Min Enferm.* s.l. 2017. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1127>> Acesso em: 26 maio 2018.

CARVALHO, Paulie Marcelly Ribeiro dos Santos; et al. Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. *SCIELO*. Goiânia, 2015. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000100095>. Acesso em: 15 set. 2020.

FRANCO, Maurilo de Sousa; et al. Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. *Rev enferm UFPE on line*. Universidade Federal do Piauí/UFPI, 2020. Disponível em: < <file:///C:/Users/Roberta/Downloads/244493-176718-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

FREITAS, Fernando, et al. Rotinas em ginecologia. 6º ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JARDIM, Fabrine Aguilar; et al. Doenças sexualmente transmissíveis: a percepção dos adolescentes de uma escola pública. *Cogitare enfermagem*. 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/43096154-Doencas-sexualmente-transmissiveis-a-percepcao-dos-adolescentes-de-uma-escola-publica.html>> Acesso em: 23 abr. 2018.

MALTA, Elma de Carvalho; MARTINS, Magaiva Rocha; ALMEIDA, Maria de Fátima. Avaliação do conhecimento dos adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Revista de enfermagem*. Recife, 2013. Disponível em: <DOI: 10.5205/reuol.4767-42136-1-ED.0712esp201311> Acesso em: 12 maio 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. vacinação hpv. disponível em:<<http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/vacinahpv/>>. acesso em: 15 set. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, infecções sexualmente transmissíveis (ist): o que são, quais são e como prevenir. 2013/2020. Disponível em:<<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist>>. Acesso em: 15 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diagnóstico laboratorial de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o vírus da imunodeficiência humana. Brasília, 2013. Disponível em:<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85343/9789241505840_por.pdf;jsessionid=223DD563C13FDCC717001830A7D8C5C7?sequence=7>. Acesso em: 15 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ MINISTÉRIO DA SAÚDE – BRASIL. Disponível em:<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5958:a-cada-dia-ha-1-milhao-de-novos-casos-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis&Itemid=812>. Acesso em: 15 set. 2020.

RAR, Silva, et al. Conhecimento de adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamento de risco relacionado a DST / HIV / AIDS. *Revista online de pesquisa*, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5054-5061>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

ROVERATTI, Dagmar Santos. Guia da sexualidade: Reedição ampliada e ilustrada. 1º ed. São Caetano do Sul: Daikoku, 2013.

SMELTZER, C. Suzanne, et al. Brunner & suddarth: Tratado de enfermagem médico-cirúrgico. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2014.

SOUSA, Marco Aurélio. Representações de adolescentes sobre hiv/aids com enfoque na sexualidade e na vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis. Escola de Enfermagem da UFMG. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://www.enf.ufmg.br/pos/defesas/1015M.PDF>>. Acesso em: 15. Set 2020.